Dia 27 — São João, Eremita

São João do Egito, um dos maiores ornamentos do deserto, tão célebre pelo dom de profecia e pelo resplendor de suas virtudes quanto venerável em toda a Igreja, nasceu em Licópolis da Tebaida pelos anos do Senhor de 330. Pela grande pobreza de seus pais viu-se precisado a aprender o ofício de carpinteiro logo que teve idade para poder ganhar a vida. Mas o Senhor, que o destinava para modelo de perfeição de todos os solitários, inspirou-lhe tão grande desejo de passar seus dias no deserto, para atender unicamente ao cuidado de sua salvação pelos santos exercícios da oração e da penitência, que, sendo de vinte e cinco anos, despediu-se de seu mestre e entregou-se à disciplina de um santo ancião, o qual, descobrindo naquele mancebo uma humildade extraordinária e uma singular rendição de espírito, em pouco tempo o fez adiantar muito no caminho da perfeição.

Achou um dia o santo diretor em sua hortinha um ramo de árvore meio podre e, plantando-o na terra, mandou a João que duas vezes ao dia o regasse até que lançasse raízes e desse fruto. Não se deteve o obediente mancebo em discorrer sobre a extravagância do preceito nem sobre a impossibilidade do que se lhe mandava, persuadido de que se obedece a Deus sempre que se obedece ao superior. Era violento o exercício, por ser preciso conduzir a água de meia légua de distância. Mas nem por isso se dispensou João um só dia de fazer o que se lhe havia ordenado, sem detê-lo nem o rigor do tempo, nem a incômoda tarefa de regar duas vezes ao dia um pau seco, nem o procurar mover com todas as suas forças uma grande penha ou rochedo que o bom velho lhe havia mandado mexer. Assegura Cassiano que esta cega obediência fez de João em poucos anos um dos mais elevados contemplativos e dos mais santos solitários de todo o Egito.

Morto seu santo diretor, passou nosso João cinco anos em diversos mosteiros, dedicado à mais exata observância de tudo aquilo que podia aperfeiçoar sua virtude. Movido de Deus a vida mais retirada, foi a uma montanha deserta, a duas léguas de Licópolis, e numa penha muito escarpada abriu uma celazinha, na qual se encerrou de tal maneira que por espaço de quarenta anos não foi visto de pessoa alguma senão por uma janelinha que abria raras vezes.

Nesta espécie de sepultura viveu nosso santo até os noventa anos de sua idade, mais como anjo que como homem. Sua comida por todo este tempo eram as ervinhas cruas e silvestres, com algumas raízes que nasciam dentro da mesma gruta; sua bebida, um pouco de água, e essa com muita escassez. Mal interrompia o sono sua contínua oração, porque era muito pouco o que dormia, sendo tão sublime sua contemplação desde os primeiros anos que gostava antecipadamente das delícias do céu. A afabilidade e doçura com que um homem de tão baixo nascimento e de vida tão austera recebia a todos os que o buscavam acreditavam bem que a rusticidade e a severidade inoportuna são muito alheias à verdadeira virtude. Não havia homem mais aprazível nem mais grato que nosso santo eremita, reservando para si só a austeridade e o rigor.

Jamais permitiu que mulher alguma se aproximasse de sua celazinha. E, na verdade, havia tornado tão dificultosas e até tão impraticáveis as sendas que somente podiam animar-se a vencer tantos estorvos os que o buscavam com desejo ardente de consultá-lo sobre o negócio de sua salvação. Fez-se tão público o dom de profecia de que o Senhor o havia dotado que das províncias mais distantes concorriam a consultá-lo como a um oráculo que Deus havia colocado no monte para explicar sua vontade.

Arrojando-se sobre as terras do império romano os etíopes, povos bárbaros, e tendo feito grandes estragos em toda a Tebaida, o general do exército romano, achando-se sem forças para resistir-lhes, veio consultar com nosso santo o que devia executar. Tem confiança no Deus dos exércitos, disse-lhe João, e, não obstante a desigualdade de tuas forças, vai atacar o inimigo, que tu vencerás. A completa vitória que o general do imperador alcançou daqueles bárbaros acreditou bem a verdade da profecia.

Consultou-o o grande Teodósio para saber o êxito da guerra que tinha declarada ao tirano Máximo, que havia tirado a vida ao imperador Graciano. Pronosticou-lhe João que conseguiria uma gloriosa vitória. Com efeito, foi esta tão completa e a tão pouca custa de sangue que o piedoso imperador a atribuiu inteiramente às orações do bem-aventurado João do Egito.

Quatro anos depois, estando Teodósio a dispor-se para vingar a morte do jovem Valentiniano, a quem o conde Arbogasto havia feito sufocar para colocar no trono imperial a Eugênio, desejou muito ver nosso santo. Para este fim despachou-lhe Eutrópio, seu favorito; mas, por mais que fez, nunca pôde persuadi-lo a que passasse à corte. Pronosticou-lhe que o imperador ficaria vitorioso, mas que sobreviveria pouco à sua vitória, como sucedeu.

Movidos da grande fama do santo, Evágrio do Ponto e seis discípulos seus desejaram passar a vê-lo; mas, como a senda para subir a sua cela era quase impraticável, Paládio, como mais moço e mais prático, ofereceu-se a trepar ele só até ela, para informar-se por si mesmo se era tão grande a virtude daquele homem que merecesse vencer tantas dificuldades para chegar a ele. Subiu, pois, e achou fechada a cela, como estava ordinariamente. Disseram-lhe que só se deixava ver no domingo e algumas vezes no sábado. Esperou todo este tempo na hospedaria que se havia fabricado para os forasteiros. Entrou no sábado numa espécie de claustro, onde viu muitos solitários juntos; e descobriu João em sua janelinha, desde onde falava aos que se aproximavam dela. Reconheceu nosso santo Paládio por monge do mosteiro de Evágrio no deserto de Nítria; e começava a falar-lhe quando interrompeu a conversação para voltar-se a falar com Alípio, governador da Tebaida, que chegou na ocasião. Notou Paládio esta preferência e, atribuindo-a a espécie de acepção de pessoas, creu que João não devia ser inimigo das grandezas humanas. Conheceu o santo o que passava pelo pensamento daquele monge e, repreendendo-o com suavidade, facilmente o fez convir em que tinha razão em portar-se daquela maneira. Depois de havê-lo alentado em seus trabalhos e fortalecido contra suas tentações, dissuadindo-o sobretudo do pensamento que tinha de fazer uma viagem a seu país, perguntou-lhe como em tom de zombaria se queria ser bispo. Respondeu Paládio, no mesmo tom, que já o era, aludindo ao ofício que tinha no mosteiro de provedor ou inspetor do pão e dos víveres, o que se chama bispo em língua grega. E de que igreja és bispo? replicou-lhe João. Da padaria de minha casa, respondeu Paládio. Tu zombas, continuou o santo; mas tu serás bispo e não terás pouco que padecer no

episcopado. Se queres evitá-lo, não saias do deserto. Há quarenta e oito anos que não ponho os pés fora de minha cela; em todo este tempo não vi mulher nem moeda alguma e não senti o mais ligeiro desgosto.

Despediu-se Paládio de João e desceu a contar a seus companheiros o que havia visto e ouvido. Subiram todos imediatamente a ver o servo de Deus e a aproveitar-se de sua admirável doutrina. Foram recebidos com aquela caridade sempre alegre e sempre urbaníssima com que encantava a quantos o visitavam. Conheceu com luz superior que o mais moço de todos era diácono, embora ele, por sua humildade, o houvesse ocultado a seus companheiros; e ali mesmo sarou a outro deles que estava enfermo. Depois de haver dado ordem para que os agasalhassem, entreteve-os longo tempo sobre diferentes pontos espirituais, especialmente sobre a necessidade que todo religioso tem de ser humilde.

Referiu-lhes a história de um solitário que, depois de uma vida muito penitente, se rendeu de tal maneira às ilusões do demônio que consentiu em pecar com um fantasma que este lhe representou em figura de mulher; e, em vez de levantar-se por meio da penitência, deixou-se levar do desespero, abandonou o deserto e entregou-se a todo gênero de dissoluções.

A outro conheci, acrescentou o santo, que, tendo sido quase tão miserável como o primeiro, foi mais prudente. Consentiu em alguns pensamentos de vaidade, depois em outros de impureza, e deixou a cela com resolução de voltar ao século. Tendo entrado em certo mosteiro de solitários, pediram-lhe estes que lhes fizesse algumas pláticas espirituais. Não pôde resistir; e Deus, por um efeito bem singular de sua infinita misericórdia, moveu-o a ele mesmo com a doutrina que dava aos outros. Restituiu-se à sua cela, onde passou o restante de sua vida em amarga penitência e em chorar incessantemente suas culpas.

Pouco tempo sobreviveu João a esta visita. Era então de noventa anos, dos quais havia passado setenta e cinco no deserto; e, sabendo por divina revelação o dia e a hora de sua morte, pediu que em três dias não o chamassem, porque a nenhum se deixaria ver. Passou todo este tempo em oração, durante a qual rendeu seu bem-aventurado espírito nas mãos de seu Criador no ano de 394. Encontrou-se o santo cadáver de joelhos e foi sepultado com a pompa e com a veneração que acompanham os santos até mais além do sepulcro. Chamavam-no comumente o profeta do Egito. Sua festa se celebra em Braga, de Portugal, e sua memória é de singular bênção em toda a Igreja.

São Ruperto, Bispo e Confessor

Ruperto, mais comumente chamado Roberto, descendia do sangue real da França. Desde sua tenra idade exercitou-se na prática do jejum, das vigílias e de outras muitas classes de mortificações. Era também um modelo de castidade, de temperança e de caridade para com os pobres. Sua ciência, sua virtude e seus milagres fizeram-no tão célebre que de todas as partes vinham buscá-lo; o santo respondia aos que o consultavam, consolava os aflitos e curava as enfermidades dos corpos e das almas. Um mérito tão relevante fê-lo ascender à sé episcopal de Worms. Mas os habitantes desta diocese, a maior parte idólatras, não podendo sofrer um pastor

que com sua santa vida condenava suas desordens, encheram-no de ultrajes e arrojaram-no da cidade da maneira mais indigna.

Teodão, duque da Baviera, convidou o santo a vir a seus estados. Ruperto chegou a Ratisbona em 697 e foi recebido com a maior honra pelo duque e pelos grandes de sua corte. Sob tão bons auspícios principiou a pregar o Evangelho, para acender de novo a tocha da fé que dois séculos antes havia feito brilhar São Severino, mas que haviam escurecido as superstições e as heresias. Por todas as partes achou corações dóceis; converteu Raguintruda, irmã de Teodão, e a esta conversão seguiu-se a do duque e de toda a Baviera. Deus autorizou com muitos milagres a doutrina que pregava seu ilustre missionário, cujo zelo se estendeu também às nações vizinhas.

Continuando suas pregações até Lorch e Juvávia, estabeleceu sua sé episcopal nesta última cidade. Então não era quase mais que um montão de ruínas; mas se reedificou de novo e tomou o nome de Salzburgo. O duque Teodão a embelezou muito e fez ricos donativos a nosso santo, com os quais pôde fundar grande número de igrejas e mosteiros. Teodoberto ou Diopeto, herdeiro da piedade de seu pai, aumentou consideravelmente as rendas da igreja de Salzburgo.

São Ruperto fez uma viagem à França com o desígnio de buscar missionários capazes de ajudá-lo em seus trabalhos apostólicos e voltou com doze deles. Também trouxe consigo Santa Erentrudes, sua sobrinha, a quem confiou o governo do mosteiro que havia fundado em Nonnberg. Finalmente, rendido ao peso de tão úteis como laboriosas fadigas, no dia da Páscoa, que naquele ano caiu em 27 de março, ao acabar de dizer a missa e de pregar, entregou sua ditosa alma nas mãos do Criador e passou a receber o prêmio destinado aos ministros fiéis. Suas relíquias se conservam em Salzburgo, na igreja que tem seu nome.

Martirológio Romano

Em Drisípara, na Panônia, Santo Alexandre, soldado, o qual, no tempo do imperador Maximiano, depois de haver saído vencedor de muitas pelejas em que foi posto pela fé de Cristo e de haver feito muitos milagres, tendo sido degolado, consumou o martírio.

No mesmo dia, os santos Fileto, senador, Lília, sua mulher, Macedão e Teoprépides, seus filhos. Igualmente Anfilóquio, capitão, e Crônidas, carcereiro, os quais foram martirizados por confessar Jesus Cristo.

Na Pérsia, os santos mártires Zanitas, Lázaro, Marotas, Narsetes e outros cinco, os quais, no tempo de Sapor, rei da Pérsia, sofrendo uma cruelíssima morte, alcançaram a palma do martírio.

Em Salzburgo, São Ruperto, bispo e confessor, o qual propagou maravilhosamente o Evangelho na Baviera e na Áustria.

No Egito, São João, eremita, varão de grande santidade, o qual, entre outras graças muito esclarecidas, cheio de espírito profético, predisse ao imperador Teodósio as vitórias que havia de

conseguir contra os tiranos Máximo e Eugênio.

Missa (oração)

A missa é em honra de São João, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Joannis confessoris tui solemnitate deferimus; ut qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi, Senhor, favoravelmente as humildes súplicas que vos fazemos na solenidade de vosso servo o bem-aventurado João, para que nós, que não temos confiança em nossos méritos, sejamos ajudados pelos daquele que teve a ventura de agradar-vos. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios, capítulo 13.

1 Coríntios 13,4-7

> **Latim:** 4 Caritas patiens est, benigna est. Caritas non æmulatur, non agit perperam, non inflatur, 5 non est ambitiosa, non quærit quæ sua sunt, non irritatur, non cogitat malum, 6 non gaudet super iniquitate, congaudet autem veritati : 7 omnia suffert, omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet.

Português: 4 A caridade he paciente, he benigna: a caridade não he invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente, não se ensoberbece, 5 não he ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, 6 não folga com a injustiça, mas folga com a verdade: 7 tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre.

Nota

«Tendo notícia São Paulo de que os coríntios, deixando-se levar de um desordenado amor a seus mestres, estavam muito divididos entre si com bandos e parcialidades à custa da caridade cristã, escreveu-lhes esta carta no ano do Senhor de 57.»

Reflexões

É coisa bem digna de admiração que, sendo tão claro e tão fiel o retrato da verdadeira devoção que com o nome de caridade cristã faz aqui o apóstolo São Paulo, haja tantos que a equivoquem e a figurem muito contrária do que é em realidade.

Não há coisa mais respeitável nem mais amável que a verdadeira piedade. Não é áspera, nem rústica, nem desabrida; seu ar não é desdenhoso, nem austero, nem chocante. Não consiste nem em excessos imprudentes, nem em ímpetos de um fervor rígido, seco e displicente. Aborrece toda ostentação e todo fausto. Nada tem de escrupulosa nem de façanhuda; ignora todo artifício mundano e jamais se desmente a si mesma.

Inimiga irreconciliável de todo engano, ganha o conceito pela retidão e o coração pela doçura. Sempre majestosa em sua nobre simplicidade, nunca é mais respeitável que quando se mostra mais humilde. Seu mérito não depende nem do capricho nem das extravagantes ideias dos homens. Tem por princípio a sólida virtude, por objeto e único fim a Deus. Longe de desviar-se por sendas extraviadas que descaminham ou de dar em ideias presunçosas que engrandecem e ensoberbecem, acha sempre nas obrigações mais comuns do próprio estado o caminho seguro para chegar à perfeição.

Faz-se notório agravo à devoção em pensar que lhe é própria a rusticidade, porque certas pessoas que fazem profissão de devotas são agrestes, rústicas, pouco polidas e meio selvagens. A grosseria é vício; logo, é incompatível com a verdadeira devoção. É certo que esta não afeta certos ares de cortesania mundana que destoam muito de sua sinceridade; mas tampouco omite as mais miúdas atenções; e, como sempre obra com circunspecção e com exatidão, a nada falta que seja substancial. Não podem convir a melancolia e a tristeza aos servos de um Senhor que quer que o sirvam com alegria.

O justo, diz o Profeta, conserva em seu coração a lei de Deus e a tem sempre diante dos olhos. A única regra de sua conduta é a vontade do Senhor; o modelo que se propõe é Cristo crucificado; o Evangelho é sua lei; a vida dos santos, sua escola; o exercício das virtudes cristãs, seu estudo; o pensamento da morte, seu consolo; o da eternidade, seu emprego; e o do céu, o único objeto de suas fervorosas ânsias.

Por este retrato, tão parecido ao que faz São Paulo da verdadeira virtude, pode-se conhecer o pouco que lhe convêm aqueles traços sombrios com que muito de ordinário se a pinta para representá-la com não sei que ar melancólico, carrancudo e enfadonho.

Na verdade, não poucas vezes certos modos duros e imperiosos, certa refinada quinta-essência de amor-próprio, um coração orgulhoso, um gênio adusto, intratável e altaneiro, e certos ademanes moles e voluptuosos e paixões encobertas são os traços que servem para formar o retrato verdadeiro das gentes que chamam devotas, mas jamais formarão o retrato da verdadeira devoção. Quando tiverem vontade as gentes do mundo de distinguir as imperfeições das pessoas que se prezam de piedosas das prendas próprias da verdadeira piedade, então verão que não há coisa mais nobre nem mais racional, nenhuma mais digna da estima e da veneração dos homens que uma virtude pura e sólida, inseparável sempre da perfeita caridade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 20 de São Mateus.

Mateus 20,18-19

> **Latim:** [18] Ecce ascendimus Jerosolymam, et Filius hominis tradetur principibus sacerdotum, et scribis, et condemnabunt eum morte, [19] et tradent eum gentibus ad illudendum, et flagellandum, et crucifigendum, et tertia die resurget.

Português: [18] Eis-aqui vamos para Jerusalem, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, que o condennará á morte, [19] e entregallo-hão aos Gentios para ser escarnecido, e açoitado, e crucificado, mas ao terceiro dia resurgirá.

Meditação

Da fuga do mundo

Primeiro ponto

Considera que há entre os cristãos um mundo inimigo do cristianismo; um mundo que, embora cristão na aparência, aborrece Jesus Cristo e sua lei; um mundo cujo espírito é contrário ao espírito de Cristo e cujas máximas são diametralmente opostas às máximas do Evangelho; um mundo contra o qual todos os santos se declararam e que perseguiu todos os santos. Logo, ser deste mundo e ser do número dos réprobos; amar este mundo e declarar-se inimigo de Deus; ter o espírito, seguir as máximas deste mundo e não ser discípulo de Cristo é uma mesma coisa. O que quer ser amigo do século, diz o apóstolo Tiago, pelo mesmo fato se faz inimigo de Deus. Pois como é possível celebrar este mundo, abandonar-se cegamente a este mundo, obedecer suas leis, seguir

seus caprichos, sem arriscar a inocência e a salvação?

Nem por isso se pretende que para salvar-se seja mister abraçar o estado religioso ou meter-se a eremita. Nem todos são chamados a estado tão feliz; mas ninguém há que não esteja obrigado a olhar com horror o espírito do mundo, a renunciar suas perniciosas máximas, a fugir de umas reuniões que Deus aborrece, que estão cheias de inimigos de Jesus Cristo.

A uma simples suspeita de contágio ficam desertas as cidades mais populosas: tudo se deixa, tudo se abandona, todo o mundo se retira ao campo, todos se desterram voluntariamente do comércio e vão sepultar-se numa solidão. O ar do mundo é contagioso, demasiadamente se sabe; para preservar-se deste contágio, um São João e outros tantos santos povoaram os desertos e buscaram entre os montes e as brenhas asilo seguro à inocência. Mas que se faz hoje em dia? Todos correm, todos se apressam por aumentar o grande número dos escravos do mundo. Geme-se, é verdade, sob a dura opressão de seu intolerável jugo, mas ao mesmo tempo se ama; queixam-se muitos do peso de seus grilhões, mas ao mesmo tempo os multiplicam e se teriam por infelizes, desesperar-se-iam se os livrassem deles. Pergunto: têm juízo os mundanos quando falam, quando procedem assim?

Segundo ponto

Considera que aquela fuga do mundo, que consiste em aborrecer seu espírito, em renunciá-lo e em não seguir suas máximas, não é puramente de conselho, mas de rigoroso preceito. Todo cristão se obrigou solenemente a isso diante de testemunhas na sagrada cerimônia do batismo. Disse publicamente que renunciava a pompa, as vaidades, as máximas, o espírito do mundo. E como se observa hoje esta sagrada promessa? Mas é certo que com esta condição entramos a ser cristãos. Nem a Igreja nos teria recebido no número de seus filhos, nem Cristo no de seus discípulos, se não nos tivéssemos obrigado, se não tivéssemos prometido fugir do mundo, renunciar as pompas e as máximas do mundo como incompatíveis com as máximas de Jesus Cristo. Mas cumpre-se esta promessa? Cumprimo-la nós mesmos? É para nós como estranho e forasteiro o espírito do mundo? Ah, que ferve em mundanos o cristianismo! Mas estes mundanos serão reconhecidos por cristãos verdadeiros? Que dor e que amargura sentirei na hora da morte quando se me represente com viveza o que fui e o que estava obrigado a ser!

Gemo, Senhor, quando reflito a tibieza e a frieza com que vos servi, enquanto sacrifiquei minha saúde, minha vida e até minha eterna salvação ao serviço do mundo. Recebei, Pai das misericórdias, a palavra que neste dia vos dou de fugir do mundo e de renunciar suas máximas; e outorgai-me a graça de que a cumpra até o último alento de minha vida.

Jaculatórias

> *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* Mt 16.

De que me serve ser dono de todo o mundo, se perco minha alma?

> *Mihi mundus crucifixus est, et ego mundo.* Gl 6.

Para mim serve de cruz o mundo, e eu sirvo de cruz ao mundo.

Propósitos

1. O mundo é inimigo de Cristo, logo deve sê-lo nosso. Quantas razões temos para considerá-lo como tal! Foge-se de um inimigo de quem se sabe que trama perniciosos desígnios contra nós. Pois com que cuidado devemos fugir do mundo, cujos artifícios tendem a perder-nos! Toma hoje a generosa resolução de declarar-te contra o espírito e contra as máximas do mundo, assim como ele está abertamente declarado contra as de Jesus Cristo.

2. Não te contentes com uma simples resolução, põe-na em prática desde este mesmo dia. Não apareças mais nessas grandes funções em que o mundo sai a fazer ostentação de toda a sua pompa e vaidade. Põe um eterno interdito a toda comédia e a toda ópera, despedindo-te também para sempre de todas as outras diversões, que são o escolho ordinário da inocência. Seja teu traje conforme a tua condição e a teu estado; mas tem entendido que a modéstia cristã é a gala mais preciosa. Renova na missa, depois da consagração, as promessas que fizeste no batismo. Faze pública profissão de ser cristão e faze uma santa vaidade de não ser já mundano.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:26 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:26 by Admin